

OBSERVATÓRIO DA EDUCAÇÃO E DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: entre saberes e desencontros das práticas pedagógicas de socialização e de prevenção da violência nas escolas de Ensino Fundamental e Médio¹

Elson Luiz de Araujo – UEMS – elsonla@gmail.com
Doracina Aparecida de Castro Araujo – UEMS – doracina@gmail.com
Edinéia da Silva Freitas – UEMS – edineia2001@gmail.com
Raquel Marques Ribeiro dos Santos – raqueluems@gmail.com

Resumo:

O agravamento dos casos de violência nas escolas nos últimos anos tem chamado a atenção das pessoas e despertado o interesse de pesquisadores para compreender suas causas e seus efeitos nos alunos, tornando-se um dos cadentes desafios da atualidade para professores, emergindo como problema para ensino-aprendizagem. Com essa compreensão foi criado por meio do Observatório da Educação (OBEDUC/CAPES) o Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba, MS/Brasil, um centro de estudos multidisciplinar com um olhar para a Educação Básica, com a participação e interação de pesquisadores, alunos da Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação e graduação da UEMS, diretores, professores e alunos das escolas da rede pública de ensino da Educação Básica interessados em estudar o fenômeno da violência e a desenvolver estratégias de melhoria da aprendizagem, prevenção e combate à violência em meio escolar. Debarbieux (1997), Charlot (1997), Foucault (1999) são teóricos que ajudam compreender as relações de sociabilidade, poder e violência na escola. Trata-se de uma pesquisa-ação, e os dados são levantados por meio de questionários e entrevistas com alunos e professores, no livro de ocorrências e regimento interno. As atividades são desenvolvidas por meio da dança, esportes, de leitura e escrita com o uso do computador e da rádio na escola. Conclui lançando luz sobre a complexidade das relações sociais na escola e os desafios da intervenção para melhorar a aprendizagem dos alunos, a sociabilidade e a minimização da violência na comunidade escolar.

Palavras-chave: OBEDUC. Violência. Violência escolar. Indisciplina.

Introdução

Ao tratarmos da educação no ensino fundamental e médio e da ocorrência da violência em meio escolar, fundamentalmente estamos tratando de uma educação voltada para a juventude e de um contexto social de profundas transformações socioculturais nos últimos anos. A educação da juventude eo modo como os jovens se relacionam com a escola tem sido debatida e alguns discursos apresentam uma visão de fracasso da instituição escolar, seus

¹Este artigo apresenta a pesquisa denominada “*Observatório da Violência nas Escolas: cotidiano escolar – entre saberes e desencontros das práticas pedagógicas de socialização e de prevenção da violência nas escolas de Ensino Fundamental e Médio*” financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), desenvolvida no âmbito do Observatório da Educação (OBEDUC), no município de Paranaíba, Estado de Mato Grosso do Sul/Brasil, iniciada em 2013 e término em 2017.

métodos e metodologias, em que professores, alunos e suas famílias culpam-se mutuamente. Para alguns professores, o problema está no aluno, pela falta de limites de comportamento e de compromisso com a sua formação, que estariam gerando desinteresse pela educação escolar e, na família, por considerá-la “desestruturada”. Por outro lado, coloca-se o problema no professor, nos conteúdos, método e metodologia de ensino que pouco acrescentam à formação, pois estão distantes dos interesses dos jovens.

Para Dayrell (2007, p. 1106), parece que “assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe”. Segundo esse autor, a compreensão dessa realidade não se reduz aos jovens nem à escola, pois as tensões e os desafios nessa relação juventude/escola são expressões de mudanças ocorridas na sociedade, que atingem os processos de socialização das novas gerações.

Uma juventude que apresenta demandas e necessidades próprias que interferem na constituição social do indivíduo, sua cultura, o viver social e sua relação com a educação. Essa juventude tem construído um novo modo de viver e de se relacionar com a vida e com os outros. Vive momentos e práticas diferentes das gerações anteriores, apresentam novas demandas e desafios. Essa realidade coloca aos professores e à escola e suas posturas pedagógicas uma reflexão, haja visto, que havia um contingente de crianças e jovens que estavam fora da escola e agora apresentam novas demandas e desafios e, ao que parece, a escola e os professores não tem compreendido esse momento da juventude, suas necessidades e cultura.

Porém, se as pessoas, a escola e os professores não perceberem essa nova realidade juvenil, os diferentes estilos, turmas ou galeras, suas práticas culturais e representações comunicativas que se mostram por meio da música, dança, do corpo tatuado e *piercings* uma cultura identitária, que marcam o estar no mundo, haverá conflitos, disputas e violência no meio social e escolar. Além de que as discussões, brigas, depredações e vandalismo estão presentes no universo juvenil e não podem ser dissociadas da violência que permeia a sociedade brasileira.

O não reconhecimento da cultura, dos costumes e estilos em uma sociedade cheia de diversidades tem contribuído para o agravamento dos casos de violência na sociedade brasileira. E a exacerbação do fenômeno da violência tem chamado a atenção das pessoas, despertado medo e insegurança, e nas escolas, nos últimos anos, a sua ocorrência tem chamado a atenção e o interesse de pesquisadores, fazendo com que avance o conhecimento em diversas áreas como a Sociologia, a Psicologia e a Educação em busca de compreender suas causas e seus efeitos nos alunos e professores.

A violência que se apresenta no espaço urbano termina por ser reproduzida em meio escolar, são atos com as mesmas características, que segundo Codo (1999) aparecem como mais frequentes as depredações, furtos e roubos que atingem o patrimônio, seguida das agressões físicas e psicológicas entre os alunos e entre estes e os professores, tornando-se um dos cadentes desafios da atualidade para a instituição escolar, pois emerge como um problema para o ensino e para a aprendizagem, para a escola e a sociedade.

Na esfera social o fenômeno da violência se manifesta de diversas maneiras e formas, no trânsito, na família, contra a criança, a mulher e o idoso, no sistema prisional, nas ações desenvolvidas por parte do contingente dos órgãos de segurança entre outros. Entretanto, o grande desafio tem sido o de articular o conhecimento produzido sobre este fenômeno e sua ocorrência nos diversos espaços sociais com as políticas públicas e a implementação dessas políticas em busca da minimização da violência, de forma que seja garantida a segurança das pessoas no campo individual e coletivo. No plano micro social aparece a violência escolar produzindo algozes e vítimas entre os próprios alunos, entre estes e os professores, generalizando a violência de modo explícita ou simbólica, e está em prejuízo o processo de ensino e de aprendizagem, consequentemente, influenciando a qualidade da educação.

As preocupações quanto a qualidade da educação básica tem orientado diferentes ações, entre elas a organização do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), a realização da Prova Brasil e a melhoria da formação dos professores por meio dos programas de pós-graduação a nível de mestrado e doutorado. Também aparece o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica e o Programa Observatório da Educação (OBEDUC), gerenciados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em parceria com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

O Programa Observatório da Educação (OBEDUC), tem por objetivo promover a articulação entre a pós-graduação, licenciaturas e escolas de educação básica e fomentar estudos, pesquisas e a produção acadêmica, além de estimular a formação de mestres e doutores (CAPES, 2012).

Com o OBEDUC a CAPES tem buscado a integração da Universidade, dos cursos de licenciaturas e das escolas de educação básica em um trabalho coletivo em prol da melhoria da qualidade da educação, fazendo com que os agentes escolares² sejam participantes ativos

² Consideramos como agentes escolares o diretor da escola, coordenadores pedagógicos, professores, funcionários administrativos, auxiliares de limpeza e de demais serviços.

para transformar a realidade escolar, aliando a prática docente aos conhecimentos no campo educacional. Para isso, incentiva a articulação dos programas de pós-graduação e licenciaturas com a educação básica, o que permite a prática e a vivência da realidade da escola aos alunos desses cursos. (CAPES, 2012; 2013). Neste sentido, observa-se uma preocupação com a formação e o aperfeiçoamento de profissionais comprometidos com a melhoria da qualidade da educação brasileira. Essa articulação, a prática e a vivência da realidade escolar possibilita perceber a complexidade que envolve o processo de ensino e de aprendizagem, as relações sociais, de poder e de conflito existentes na escola.

Assim, ao submeter o projeto de pesquisa à CAPES denominado “*Observatório da violência nas escolas: cotidiano escolar – entre saberes e desencontros das práticas pedagógicas de socialização e de prevenção da violência nas escolas de Ensino Fundamental e Médio*”, em desenvolvimento, no âmbito do Programa Observatório da Educação, com vigência de 2013 a 2017, tem como foco a violência escolar e entre os seus objetivos criou o Observatório da Violência nas Escolas do município de Paranaíba.

O Observatório da Violência nas Escolas tem desenvolvido estudos voltados para a educação básica, onde discute, analisa o cotidiano escolar, os saberes, encontros e desencontros das práticas pedagógicas dos professores e dos alunos futuros professores, visando a melhoria da qualidade da formação, a análise do cotidiano escolar e a produção de conhecimentos na esfera educacional, além da minimização da violência em meio escolar. Vislumbra a elevação do índice de Desenvolvimento da Educação Básica (SAEB) das seis escolas onde o projeto está sendo desenvolvido de forma gradativa.

Observatório da Educação: princípios e objetivos

O Programa Observatório da Educação (OBEDUC) foi criado por meio do Decreto nº 5.803, de 08 de junho de 2006, em uma parceria entre a CAPES e o INEP com o propósito de fomentar pesquisas na área do ensino, a produção acadêmica e a formação de profissionais, mestres e doutores em educação, e neste sentido, os projetos no âmbito do OBEDUC são vinculados a programas de pós-graduação *stricto sensu* reconhecidos pela CAPES e devem possuir linhas de pesquisa voltadas à educação. (CAPES, 2012, p. 2,3).

O OBEDUC tem como princípio pedagógico a realização de um trabalho coletivo, de estreitamento de relações entre a comunidade acadêmica (pós-graduação) cursos de formação de professores (licenciaturas) e escolas de educação básica, além da disseminação de dados estatísticos educacionais produzidos pelo INEP ao subsidiar os estudos sobre a realidade da educação brasileira.

Para implementar essa integração, são atribuídas bolsas aos estudantes da pós-graduação (mestrado e doutorado), aos coordenadores institucionais dos projetos, a estudantes de licenciaturas (graduação) e a professores de escolas de Educação Básica que se envolvem nas pesquisas e produção do conhecimento. Portanto, uma aproximação da instituição de ensino superior, dos programas de pós-graduação e dos cursos de licenciaturas com as crianças e jovens, professores e gestores da escola de educação básica em um trabalho recíproco, coletivo e de crescimento pessoal e profissional em prol da melhoria da qualidade da educação. (CAPES, 2012, p. 2/4).

Essa integração entre os diversos níveis da educação e de pessoas tem suscitado questionamentos e reflexões sobre a educação e a realidade da escola, além de possibilitar por partes desses sujeitos, a vivência da escola e a compreensão de sua realidade. Esta interação tem suscitado a integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão, fazendo com que, de forma coletiva e reflexiva se pense a prática docente, objetivando melhorias no âmbito pedagógico, assim como, no desenvolvimento de saberes e práticas que facilite o ensino e a aprendizagem. Por outro lado, tem propiciado meios e mecanismos de desenvolvimento da sociabilidade entre professores, alunos e a comunidade externa na prevenção da indisciplina e violência em meio escolar.

O projeto *Observatório da violência nas escolas: cotidiano escolar – entre saberes e desencontros das práticas pedagógicas de socialização e de prevenção da violência nas escolas de Ensino Fundamental e Médio*, teve início no mês de março de 2013 e apresenta os seguintes bolsistas:

Quadro 1 – Bolsas concedidas pela CAPES ao OBEDUC

	Bolsas concedidas ao projeto					Total /ano
	03/2013	2014	2015	2016	03/2017	
Coordenador	1	1	1	1	1	1
Mestrado	2	2	2	2	2	2
Graduação	6	6	6	6	6	6
Professor de Educação Básica	6	6	6	6	6	6
Total	15	15	15	15	-	36

Buscando implementar as ações do projeto e envolver as escolas por meio da integração proposta pelo Observatório da Educação, foi criado o Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba, MS/Brasil, um centro de estudos multidisciplinar com um olhar para a Educação Básica. Os encontros são realizados quinzenalmente, sendo um da linha de pesquisa Educação e Violência e o outro com os participantes do Grupo de Estudos, Pesquisa e Práxis Educação (GEPPE).

Neste centro de estudos participam professores pesquisadores da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), dos cursos de Pedagogia, Ciências Sociais e Direito; alunos da Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação e da graduação em Pedagogia; alunos bolsistas do Programa de Iniciação Científica (PIBIC); Professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), dos cursos de Matemática e Psicologia e, de uma Faculdade privada, do curso de Direito. Participam ainda, diretores de escolas, coordenadores pedagógicos, professores e alunos das escolas da rede pública de ensino da Educação Básica interessados em estudar o fenômeno da violência e a desenvolver estratégias de ensino e melhoria da aprendizagem, prevenção e combate à indisciplina e violência em meio escolar.

O Projeto

O projeto *Observatório da violência nas escolas: cotidiano escolar – entre saberes e desencontros das práticas pedagógicas de socialização e de prevenção da violência nas escolas de Ensino Fundamental e Médio*, com foco na violência escolar centra em dois eixos principais: a criação do Observatório da Violência nas Escola de Paranaíba/MS-Brasil-, e as práticas pedagógicas de socialização e de prevenção da violência na educação básica.

Frente ao agravamento dos casos de violência nas escolas nos últimos anos, a criação do Observatório da Violência tem contribuído como um centro de estudos interdisciplinar e interinstitucional aos interessados em entender e estudar o fenômeno da violência em meio escolar, compreender suas causas e seus efeitos sobre os alunos, abarcando a educação básica. Participa deste Centro pesquisadores, gestores públicos, professores e alunos das universidades e da rede pública de ensino. O mesmo tem estimulado a produção acadêmica e a formação de professores, tanto na graduação quanto na pós-graduação *Lato Sentu e Stricto Sensu*.

Trata-se de um projeto que entre seus objetivos busca analisar o cotidiano da escola, a gestão organizacional e fazer uma relação entre os saberes dos professores para lidar com o

fenômeno da violência e as práticas pedagógicas de socialização e de prevenção da violência. Também constituir um banco de dados com as informações sobre a violência na rede pública de ensino e estimular a elaboração de novos projetos coletivos que analisem e discutam a violência urbana quanto a escolar, e assim, contribuir para a elevação do IDEB na escola.

Debarbieux (1997), Charlot (1997), Foucault (1999) são teóricos que ajudam compreender relações de sociabilidade, poder e violência na escola e a pesquisa-ação norteia as atividades. Os dados serão levantados por meio de questionários/entrevistas com alunos/professores e documental por meio do livro de ocorrências e o regimento interno. A implementação ocorre por meio da dança, atividades esportivas, de leitura e escrita com o uso do computador e da implementação de uma rádio na escola, onde os alunos elaboram a grade de programação e divulgam diária na escola.

Os encontros são realizados quinzenalmente junto a linha de pesquisa educação e violência, do programa de pós-graduação em educação e ao Grupo de Estudos, Pesquisa e Práxis Educacional (GEPPE).

Na escola as atividades de leitura e escrita, de aprendizagem matemática, esporte e dança são realizadas semanalmente, junto aos alunos do Ensino Fundamental e Médio em período contrário ao de aulas. As atividades são realizadas coletivamente e de forma que sejam desenvolvidas a cooperação, autonomia e relações de sociabilidade, visando a prevenção e a minimização de atos de agressividade, indisciplina e violência.

A Escola

As atividades são desenvolvidas em seis escolas públicas da Rede Estadual de Ensino, situadas no centro e na periferia da cidade, e os alunos envolvidos nas atividades estão matriculados nos turnos matutino e vespertino, sendo que uma delas atende especificamente alunos oriundos da zona rural. Cada uma dessas escolas possuem em média 10 salas de aulas, com capacidade para 40 alunos cada uma.

Quadro 2 – Quadro de alunos participantes do OBEDUC

	Quantidade de alunos	Turnos	Participantes
Escola JG.	1,734	matutino/vespertino/noturno	61
Escola Ar.	944	matutino/vespertino/noturno	43
Escola Gu.	393	matutino/vespertino	27
Escola MG	940	matutino/vespertino/noturno	42
Escola Er	404	matutino/vespertino	26

Escola W	564	matutino/vespertino	48
Total	4.979		247

Estavam matriculados em 2013 nas escolas 4.979 alunos nos três turnos, porém os participantes do projeto são aqueles matriculados no período diurno, com idades que variavam entre 7 a 17 anos, perfazendo um total de 247 alunos. Era uma turma numerosa, mas com alunos participativos e comprometidos com as atividades que lhes eram propostas. Dentre estes há uma população flutuante envolvidas nas atividades de dança, considerando que o objetivo é tornar a atividade interessante e significativa para o aluno e que o mesmo possa melhorar a relação de sociabilidade, trabalho em equipe e cooperação entre alunos e entre estes e os professores, e assim, desenvolver de forma coletiva laços de amizade. Assim, foi possível minimizar atos de incivildades, indisciplina e violência na escola, além de que, foi possível perceber o desenvolvimento da auto estima e de pertencimento à escola.

Notas observadas e metas projetadas para o IDEB³ das escolas do Município de Paranaíba/MS – Brasil.

Ao observarmos os quadros de metas do IDEB constatamos que as escolas tem empreendido esforços para melhoria do ensino e na aprendizagem na expectativa de obter melhores resultados do IDEB, porém duas escolas precisam olhar os dados com atenção em busca de mudanças. O 8º e 0 9º ano precisam receber atenção especial, uma vez que o IDEB está baixo, 2,9, quando a meta projetada é de 3,8.

Quadro 03: Dados do IDEB do Município de Paranaíba

IDEB Observado		Metas Projetadas				
2013		2013	2015	2017	2019	2021
4º e 5º ano	4,9	4,3	4,6	4,9	5,2	5,4
8º e 9º ano	2,9	3,8	4,2	4,5	4,7	5,0

Fonte: IDEB/INEP/MEC.

³ O IDEB das escolas pode ser consultado no site do INEP, no endereço: <http://ideb.inep.gov.br?>.

Quadro 02: Dados do IDEB das Escolas Estaduais de Paranaíba (4º e 5º anos)

IDEB Observado		Metas Projetadas				
Escolas	2013	2013	2015	2017	2019	2021
Aracilda Cícero C. da Costa	5,2	4,7	5,0	5,3	5,6	5,0
Dr. Ermírio Leal Garcia	4,9	3,6	3,9	4,2	4,5	4,8
Gustavo Rodrigues da Silva	5,8	4,4	4,6	4,9	5,2	5,5
José Garcia Leal	5,4	4,9	5,2	5,5	5,8	6,0
Manoel Garcia Leal	4,1	4,0	4,3	4,6	4,9	5,2
Wladislau Garcia Gomes	4,2	4,1	4,3	4,7	5,0	5,3

Fonte: IDEB/INEP/MEC.

Quadro 03: Dados do IDEB das Escolas Estaduais de Paranaíba (8º e 9º anos)

IDEB Observado		Metas Projetadas				
Escolas	2013	2013	2015	2017	2019	2021
Aracilda Cícero C. da Costa	3,0	4,2	4,5	4,8	5,1	5,4
Dr. Ermírio Leal Garcia	S.M.	3,7	4,1	4,3	4,6	4,9
Gustavo Rodrigues da Silva	4,6	4,8	5,2	5,4	5,6	5,9
José Garcia Leal	3,1	3,8	4,1	4,3	4,7	5,0
Manoel Garcia Leal	1,8	3,8	4,1	4,3	4,7	4,9
Wladislau Garcia Gomes	3,5	3,7	4,1	4,3	4,6	4,9

Fonte: IDEB/INEP/MEC.

Violência em meio escolar

Observamos que nos últimos anos que a sociedade brasileira tem experimentado um alarmante crescimento da violência, notadamente a violência criminal urbana. A mídia apresenta, constantemente, todo tipo de violência, inclusive novas formas de crime organizado, partindo de dentro dos presídios. Em cidades de grande porte, notadamente, as dos estados do eixo São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, fica evidente a preocupação com o aumento da violência e neste sentido, diversas campanhas realizadas pela sociedade organizada mobilizaram as pessoas que se organizaram

e saíram às ruas chamando a atenção das autoridades constituídas para o problema e reivindicando mais segurança.

Essas manifestações e a divulgação das ocorrências criminais e de violência pela mídia possibilitou, sobretudo nos últimos anos, maior visibilidade da questão, estabelecendo pressões sobre o poder público para a questão.

Ocorre que sistema judiciário de prevenção e controle da criminalidade tem se mostrado incapaz de conter os padrões emergentes de delinquência e, desse modo, incapaz de exercer seu papel de mantenedor da ordem pública. Na atual conjuntura, frente às pressões populares, é frequente a adoção de medidas antidemocráticas e a busca de soluções emergenciais, em geral pontuais e descontínuas. O estado, como instância que reúne o monopólio da força e da coerção, que detém o poder legítimo da violência, face a sua alarmante incidência, tem solicitado ajuda a outras instituições, tais como a Igreja, as ONGs, às Universidades. (WEBER, 1970).

A violência urbana brasileira é, de fato, um problema. Em algumas regiões do país, a incidência de atos violentos extremos preocupam as pessoas, haja visto que a juventude tem sido uma das maiores vítimas.

A escola faz parte do contexto social e não está imune aos fatos e conseqüências da exacerbação da violência que ocorre na sociedade. Há o reconhecimento de que a violência em meio escolar, sobretudo nas escolas da rede pública, não é fenômeno recente, e tende a agravar.

Apesar de ser questão presente no debate público, a pesquisa sobre violência e escola ainda é incipiente no Brasil. Há um primeiro grupo de investigações que exprime tentativas de diagnósticos em âmbito local ou mais geral que, mesmo não oferecendo um quadro preciso sobre a dimensão, a diversidade e a magnitude da questão, apresenta informações importantes sobre a ocorrência desses episódios em várias cidades brasileiras. Essas investigações são empreendidas, sobretudo, por organismos públicos da educação, associação de classe e, de modo menos frequente, por pesquisadores ligados às universidades. Porém, aos buscar dados da produção acadêmica sobre o fenômeno da violência, observamos alguns Programas nas universidades ou grupos de pesquisas que desenvolvem trabalhos relacionados a essa questão. Segundo Sposito (2000) na década de 1980 e 1998, um conjunto de teses e dissertações, em toda a Pós-Graduação em Educação no Brasil, em um total de 8.667 trabalhos, somente 9 investigaram o tema da violência escolar.

Apesar do debate público em torno da violência e de sua relação com os segmentos juvenis, verifica-se a inexistência de um programa nacional de investigações sobre a violência escolar proposto pelo Poder Público por meio de suas agências de fomento à pesquisa. Não podemos desconsiderar, também, que o interesse acadêmico pela questão ainda é incipiente e isto vem refletido desde historicamente, pois Segundo Sposito (2002, p. 73)

[...] a principal agência de pesquisas do Estado de São Paulo, FAPESP, uma das mais sólidas do país, lançou um programa especial de pesquisa sobre a escola pública no início de 1996,

até meados de 2001 foram contemplados 65 projetos de um total de 279 inscrições. Nenhuma das propostas encaminhadas teve como tema a violência escolar.

Alguns fatos de extrema violência tem ocorrido nas escolas ao ser ceifado vidas de alunos e professores. Em virtude disso, nos últimos anos, evocar a imagem de escolas violentas tem-se tornado comum entre os educadores, principalmente nos grandes centros urbanos. Essa imagem inquietante é fortalecida sempre que ocorrem episódios truculentos associados a estudantes e professores. E o que era apenas exceção parece tornar-se regra. O medo e o pânico tem feito o alardeamos que nossas escolas estão sendo invadidas pela brutalidade do contexto social. Porém, há que refletirmos sobre a ocorrência da violência em meio escolar e comparar com os dados mais gerais da violência urbana.

Neste sentido, é importante, observar como se caracteriza os atos de violência contra a escola, produto de ações que danificam o patrimônio escolar, perpetuam agressões a bens (em geral automóveis) de funcionários ou professores, e ainda, aquela que decorre de um padrão de sociabilidade, das relações interpessoais que hoje atinge a escola. Trata-se de uma série de práticas que compreendem os alunos e seus pares.

A violência ocorre quando alguém, por vontade própria, causa danos à dignidade de outra(s) pessoa(s). Isso pode ser feito de maneira explícita, por exemplo, quando atentamos contra a integridade física do outro ou seus bens materiais. Essa é a parte mais vivível da violência. Ou, ainda, de maneira simbólica, como quando afrontamos sua integridade moral ou sua participação social. Contra a primeira, a forma explícita da violência, temos o direito, como um dos mecanismos para nos valer. Contra a segunda, apenas a ética democrática, mas que também, ocorrendo a violência simbólica, os supostos danos podem ser reparados.

No cotidiano escolar, é a feição simbólica que surge com maior frequência, como por exemplo, quando se impede a participação equitativa de todas as crianças e jovens no dia-a-dia escolar. A violência ocorre pela desconfiança de suas potencialidades, ao recusar oferecer o que lhe é de direito; quando aligeira-se os conteúdos por não crer que eles farão diferença na vida daquelas pessoas, há violência; também ocorre a violência, quando se coloca em risco a auto-estima do aluno com um diagnóstico malicioso, entre tantas outras.

Portanto é importante compreender a ocorrência do fenômeno da violência escolar em uma instituição que recebe e também produz violência, além de ser presente em todas as camadas sociais e nos mais variados ambientes da sociedade, e portanto, uma problemática relevante e de discussões no âmbito social e nas políticas públicas.

Abramovay (2002), Abramovay & Rua (2002), Abramovay *et. al.* (2002), Spósito (1998), Guimarães (1985), identificar e explicaam a origem da violência em meio escolar. Algumas associada à dinâmica da estrutura familiar e outros ligados à área da saúde, de transtornos psicológicos.

A educação é histórica e socialmente construída por meio das transformações sociais e de um sistema educacional com políticas públicas específicas visando melhoria qualitativa da educação e da realidade circundante.

Embora a família apresente inicialmente o conceito básico de educação, crenças e culturas, com vistas à socialização primária, é na instituição escolar que o indivíduo recebe a educação escolarizada com condições de assumir as exigências básicas da sociedade, acessibilidade à cidadania e ao seu efetivo exercício.

Sendo assim, a educação desenvolve as habilidades e competências para a vida social, e à compreensão da realidade e ao exercício da cidadania, cientes de seus direitos e obrigações.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997, p. 45) abordam:

[...] a educação escolar como uma prática que tem a possibilidade de criar condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas e cada vez mais amplas, condições estas fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludente.

Segundo Vieira (2008, p. 118) a instituição educacional “[...] possui papel fundamental na socialização do indivíduo, uma vez que entre os muros da instituição escolar, a criança e o adolescente são colocados em contato com diferentes culturas e etnias, e é nesse momento em que os conflitos afloram”. Apesar da tensão no processo educativo, o professor deve administrar as dificuldades e os conflitos gerados na convergência do ensino/aprendizagem, uma vez que isso é parte constitutiva da formação da criança.

Simmel (2006) *apud* Vieira (2008) afirma que esses conflitos são fundamentais no desenvolvimento social da criança e do adolescente, pois os preparam para as diversas relações que eventualmente irão se deparar ao longo de suas vidas.

Apesar de ser um tema abordado por pesquisadores e pela mídia, a violência escolar esteve presente desde os tempos passados quando o respeito e a obediência se faziam por meio das palmatórias, regras repressoras, castigos físicos e psicológicos.

Embora esses artifícios aparentemente pareçam ter desaparecidos do cotidiano escolar, a violência simbólica vem se manifestando de maneira gradativa, gerando várias polêmicas entre educadores, sociólogos, pesquisadores e governantes.

Com referência a interação sistema escolar e alunos, Abramovay *et. al.* (2002, p. 109-110) afirma que:

A escola e seus profissionais formam um universo capaz de propiciar o desenvolvimento do aluno, bem como criar condições para que ocorram aprendizagens significativas e interações. Cada sujeito apresenta um universo próprio, tornando necessário que o estabelecimento dos espaços interativos, no contexto educacional, seja orientado a promover relações de troca, de esforços partilhados na construção de soluções comuns, para o alcance dos objetivos coletivos.

Apesar de ser a escola o local de desenvolvimento e formação do aluno, quando se trata de violência, ela também ocorre no meio escolar. Charlot (2002) *apud* Vieira (2008, p. 11863) a classifica em “[...] três ações diretas: a violência na escola; a violência da escola e a violência à escola”.

A primeira se caracteriza de fora para o interior dos muros da escola pela penetração de gangues, pelo tráfico de drogas, pelas desavenças entre os alunos. Já a segunda, se manifesta pelos problemas internos característicos da deficiência estrutural do estabelecimento educacional, entre eles, a má administração escolar, regras repressoras, autoritarismo dos gestores, “abuso” de poder na relação professor e aluno. A terceira surge por meio de rebeldia, atos de vandalismo, depredação do patrimônio público, desrespeito com os professores e gestores, entre outros, como forma de resistência dos alunos a essas regras impostas pelo sistema de ensino que os impossibilitam de argumentar.

Para corroborar com nosso entendimento, Charlot (1997) *apud* Abramovay (2002, p. 93) aborda três tipos de violência escolar:

[...] a violência- golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo;
incivilidades- humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
violência simbólica ou institucional- falta de sentido em permanecer na escola por tantos anos; o ensino como desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos; a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos.

Nessa perspectiva, segundo Abramovay & Rua (2002, p. 25-26) devemos considerar diversos aspectos externos que influenciam na geração da violência:

- Entre os aspectos externos (chamados pelos especialistas de variáveis exógenas), é preciso levar em conta, por exemplo:
- Questões de gênero (masculinidade/feminilidade);
- Relações raciais (racismo, xenofobia);
- Situações familiares (características sociais das famílias);
- Influência dos meios de comunicação (rádio, TV, revistas, jornais etc.);
- Espaço social das escolas (o bairro, a sociedade);
- Entre os aspectos internos (chamados de variáveis endógenas), deve se levar em consideração;
- A idade e a série ou nível de escolaridade dos estudantes;
- As regras e a disciplina dos projetos pedagógicos das escolas, assim como o impacto do sistema de punições;

- O comportamento dos professores em relação aos alunos e à prática educacional em geral.

Quando abordamos a violência escolar compreendemos que a mesma se estende não só entre o alunado, mas também entre professores e alunos. Além de permear as relações sociais estabelecidas com todos os funcionários que completam a estrutura da instituição de ensino: merendeiras, auxiliares de limpeza, porteiro, fiscais de pátio, coordenadores, diretores, administrativos. No entanto, a violência escolar não está presente somente nas classes sociais menos favorecidas.

Para os PCNs (BRASIL, 1997, p. 49) a escola ao elaborar o seu projeto educacional, tem a possibilidade de minimizar situações que podem gerar violência, por meio de um planejamento cuidadoso, participativo, que de sentido às ações individuais e coletivas dos professores, alunos e corpo técnico administrativo. Para isso:

[...] reúne-se a equipe de trabalho, provoca-se o estudo e a reflexão contínuos, dando sentido às ações cotidianas, reduzindo a improvisação e as condutas estereotipadas e rotineiras que, muitas vezes, são contraditórias com os objetivos educacionais compartilhados.

Ainda sobre os projetos pedagógicos, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) afirmam que os mesmos necessitam de discussão e reelaboração contínua, não havendo assim resultados imediatos, uma vez que, “cada escola encontra uma realidade, uma trama, um conjunto de circunstâncias e de pessoas”, sendo indispensável o incentivo do poder público local (BRASIL, 2007, p. 49).

Com referência a violência escolar, Abramovay (2002, p. 84) afirma que “[...] a violência é construída e, logo, pode ser também 'desconstruída', com estratégias que protejam as escolas de violências, tanto as que vêm de fora para dentro, como as interiores, aquelas que fazem parte do contexto escolar”.

Sendo assim, é imprescindível que as escolas busquem alternativas para proporcionar um ambiente escolar atrativo e seguro à sociedade. Desse modo, Abramovay (2002, p. 84) destaca que:

Escolas organizadas, bem cuidadas, com regras claras de comportamento, com segurança no seu exterior e interior, onde existe um clima de entendimento, valorização dos alunos e dos professores, diálogo, sentimento de pertencimento e poder de negociação entre os diferentes atores podem mudar situações críticas. Assim como cultivar os vínculos com a comunidade, abrir as escolas nos finais de semana, para atividades sociais, culturais e esportivas, e ainda contar com a participação ativa dos pais dos alunos pode tornar as escolas espaços mais seguros e novamente respeitados na sociedade.

Muitas vezes no ambiente escolar, os alunos sentem-se constrangidos e inferiorizados pelos colegas, uma vez que, recebem apelidos ofensivos e são discriminados pela aparência física, pelas condições financeiras, entre outras, o que se caracteriza o *bullying*⁴. Os professores talvez por desconhecerem as formas que a violência escolar apresenta, acabam ignorando essas atitudes, acreditando que as mesmas são brincadeiras normais entre os alunos da mesma idade.

Outra discriminação sofrida pelos alunos é a relação de poder que alguns professores e gestores escolares utilizam para impor suas normas, aniquilando qualquer direito de argumentação. No que diz respeito ao poder, Foucault (1977, p. 262) *apud* Guimarães (1985, p. 39) afirma que:

Pode-se dizer que na escola o poder de punir torna-se natural e legítimo. Para Foucault o poder de punir não é essencialmente diferente do de educar. A escola e suas técnicas disciplinares fazem com que as pessoas aceitem o poder de punir e de serem punidas. Cada indivíduo, na posição que ocupa, faz “reinar a universalidade do normativo” submetendo o corpo, os gestos, os comportamentos, as condutas, as aptidões, os desempenhos aos inúmeros mecanismos de disciplina exercidos pela sociedade.

A escola com suas regras de obediência distorce seus objetivos principais, pois acaba desenvolvendo sujeitos não críticos, já que com medo das consequências os alunos admitem essas regras impostas pela instituição escolar sem nenhum questionamento. Sendo assim, as punições no intuito de corrigir, acabam gerando mais violência, mesmo que simbólica, pois causam nos alunos o sentimento de insatisfação, rebeldia e desânimo em permanecer na escola.

Já os professores enfrentam situações de extrema fragilidade, apresentando-se muitas vezes submissos ao sistema em que estão inseridos por não possuírem estratégias pedagógicas capazes de lidar com essa problemática. Ademais, os educadores na intenção de impor ordem e respeito na sala de aula acabam criando um ambiente autoritário, inadequado para uma aprendizagem significativa, estando eles sujeitos a sofrerem inclusive agressões físicas e psicológicas dos alunos. Souza (2008, p. 21) traz que:

A recomendação dos psicólogos e pedagogos para que os professores “tomem as aulas motivadoras, abandonem conteúdos rígidos, ensinem tudo que possa se transformar em vida e brinquedo” - soa quase como afronta aos professores. Injunção paradoxal, essa de dizer para professores deprimidos que suas aulas devem ser interessantes. E que retira do professor sua razão de existir - transformando-o em simulacro de animador, ao qual é pedido que se esforce para concorrer com a televisão.

A instituição escolar muitas vezes apresenta-se num cenário dominador, inseguro e precário, atravessando por frequentes casos de depredações, rebeldia, agressões físicas ou verbais. Assim, a

⁴ Atos de violência física e/ou psicológica que podem ocorrer em diversos locais como na família, escola, universidade, local de trabalho, vizinhança, entre outros. Normalmente são atos intencionais repetitivos que causam constrangimento à vítima.

violência escolar não se apresenta como um produto da relação escola e violência, mas sim se configura em uma ação articulada entre os fatores sociais, culturais, econômicos e políticos.

Sendo assim, não podemos responsabilizar as instituições de ensino pelas situações de violência em seu interior, tampouco retirar sua responsabilidade em garantir um ambiente adequado e propício para um ensino eficaz. Já que a escola além de oferecer um ensino de qualidade, também deve oferecer condições para a permanência do educando.

Considerações Finais

A educação como uma prática socialmente construída e reconstruída no decorrer do tempo, torna-se imprescindível na formação social e intelectual do indivíduo.

Neste sentido, as diferentes culturas, etnias e valores presentes na sociedade contribuem para a formação do indivíduo e a educação possibilita a emancipação do aluno e do homem oferecendo condições e mecanismos de superação da alienação presente no cotidiano.

Nessa perspectiva, o ambiente escolar além de atuar no processo de formação do aluno, no desenvolvimento de suas habilidades intelectuais, o mesmo se responsabiliza em apresentar valores necessários para o viver em sociedade, para tanto, é fundamental a existência de um ambiente escolar equilibrado e harmônico para o processo de formação do indivíduo.

Como diz Abramovay (2002) de que a violência é construída, logo, a escola e a educação tem papel fundamental na desconstrução dessa violência, criando estratégias que protejam as escolas da violência externa, como o vandalismo e a depredação do espaço público, e os alunos e os professores da violência interna mediante o planejamento cuidadoso de suas ações, tanto no aspecto físico do espaço escolar quanto na sua proposta didático pedagógica, e mesmo da violência que a escola pode produzir, configuradas em seus regulamentos e organização interna do ambiente.

Assim, a escola deve se constituir em um espaço de discussão coletiva, envolvendo os seguimentos que a compõem, do diretor da escola ao zelador, alunos e pais, a fim de compreender a função social da escola como um instrumento da formação escolarizada e enquanto um equipamento público gerador e receptor de influências na/da localidade. Portanto, as questões que envolvem a localidade e que afetam a comunidade, como é o caso da violência urbana e escolar devem ser discutidas coletivamente e as ações devem ser desencadeadas dentro de um programa de ações envolvendo a coletividade. Só assim, a escola tornar-se-á um lugar privilegiado para o desenvolvimento da sociabilidade e da cidadania dos jovens, distinguindo-se dos demais, notabilizando-se por um ambiente no qual as relações de conflito, comuns a todo convívio humano, sejam compreendidas e resolvidas de forma pacífica e construtiva.

Assim, pode-se concluir, mesmo preliminarmente, que embora não aconteçam no ambiente escolar as mais graves cenas de violência, sabemos que seus reflexos são ameaçadores para o ensino,

já que colocam em risco o bom desempenho das atividades desenvolvidas no ambiente escolar, prejudicando a relação professor, aluno e instituição, interferindo-se assim, no processo de formação do indivíduo.

Referências:

ABRAMOVAY, Miriam. Violências no cotidiano das escolas. In: ABRAMOVAY, Miriam (Org.). **Escola e violência**. Brasília/DF: UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam (Org.). **Escola e violência**. Brasília/DF: UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam; LIMA, Fabiano; VARELLA, Santiago. Percepções dos alunos sobre as repercussões da violência nos estudos e na interação social na escola. In:

ABRAMOVAY, Miriam & RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília/DF: UNESCO, 2002.

BRASIL. **Introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília/DF: Ministério da Educação, 1997.

CAPES. Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica – DEB - **Relatório de Gestão 2009/2013**. Brasília. 2013. Disponível em: <http://capes.gov.br/educacao-basica> acesso em: 26/09/2014.

CAPES. Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica – DEB - **Relatório de Execução do Programa Observatório da Educação**. 2012. Disponível em: <http://capes.gov.br/educacao-basica/observatorio-da-educacao> acesso em: 26/09/2014.

CODO, W. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

DAYRELL, Juarez. A Escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.** Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> acesso em: 01/10/2014.

ELIAS, Norbet. **Os estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

FAUSTO, B. **Crime e cotidiano**: a criminalidade em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 5.ed., Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GUIMARÃES, Áurea M. **A dinâmica da violência escolar**: conflito e ambigüidade. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **Vigilância, punição e depredação escolar**. Campinas/SP: Papirus, 1985.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **Depressão em professores e violência escolar**. Notandum 16 ESDC / CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto, 2008.

SPOSITO, Marília Pontes. **A instituição escolar e a violência**. Cadernos de Pesquisa, nº 104, São Paulo/SP: Fundação Carlos Chagas/Co rtez, 1998.

SPÓSITO, Maria Pontes. **Estado do conhecimento sobre juventude**. Inep, Relatório de Pesquisa, 2000.

_____. Percepções sobre jovens nas políticas públicas de redução da violência em meio escolar. **Revista Pro-Posições**. UNICAMP, Faculdade de Educação, Campinas, SP, v.13, n.3, (39), set./dez. 2002.

WEBER, M. A. Política como vocação. *In. Ciência e Política*. Duas Vocações. São Paulo: Cultrix, 1970.

VIEIRA, Jeferson Christiano. As múltiplas faces da violência escolar. In: VIII Congresso Nacional de Educação / III Congresso Ibero-Americano Sobre Violências nas Escolas. 2008, Curitiba/PR, **Anais...** Curitiba/PR: 2008.